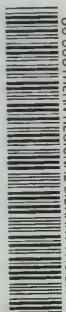


DP

577

L883i

A  
A  
0  
0  
1  
1  
3  
0  
3  
4  
4  
3



UC SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY

Lopes Vieira

Inês de Castro na poesia e  
na lenda



THE LIBRARY  
OF  
THE UNIVERSITY  
OF CALIFORNIA  
LOS ANGELES

INÊS · DE · CAS  
TRO · NA · POE  
SIA · E · NA · LEN  
DA



CONFERENCIA REA-  
LIZADA NO CLAVS-  
TRO DO MOSTEIRO  
DE ALCOBAÇA, SE-  
GVIDA DO SONETO  
DOS TVMVLOS, POR  
AFFONSO LOPES  
VIEIRA



AO Senhor Dr.

Piama, e senos,

em testemunho de

muita consideração

e com agraciamos

seus - muito

atenciosos,

Atte. Lda. v. l.









INÊS DE CASTRO  
NA POESIA E NA  
LENDA

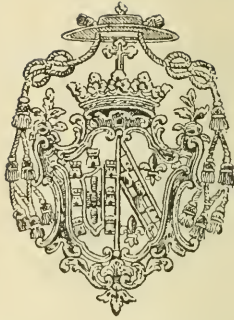
## DO MESMO AUTOR

PARA QUÊ? (1897)  
NAUFRAGO  
AUTO DA SEBENTA  
O MEU ADEUS  
O POETA SAUDADE  
«MARQUES»  
CONTO DO NATAL  
O ENCOBERTO  
AR LIVRE  
O PÃO E AS ROSAS  
O POVO E OS POETAS PORTUGUESES  
MONOLOGO DO VAQUEIRO ( *Gil Vicente* ).  
CANÇÕES DO VENTO E DO SOL  
ROSAS BRAVAS  
ANIMAES NOSSOS AMIGOS  
AUTO DA BARCA DO INFERNO ( *Gil Vicente* ).  
CANTO INFANTIL  
BARTOLOMEU MARINHEIRO  
POESIAS DE HEINE  
A CAMPANHA VICENTINA

INÈS · DE · CAS  
TRO · NA · POE  
SIA · E · NA · LEN  
DA



CONFERENCIA REA-  
LIZADA NO CLAVS-  
TRO DO MOSTEIRO  
DE ALCOBAÇA, SE-  
GVIDA DO SONETO  
DOS TVMVLOS, POR  
AFFONSO LOPES  
VIEIRA







*Esta conferencia foi escrita para abrir o SE-  
RÃO MUSICAL E LITERARIO NO  
CLAUSTRO DO MOSTEIRO DE ALCO-  
BAÇA, realizado aos 17 de Agosto de 1913,  
com o seguinte*

DP  
577  
L 883 i

• PROGRAMA •

- I — *Inés de Castro na Poesia e na Lenda*,  
Conferencia pelo Sr. AFFONSO LOPES  
VIEIRA.
- II — *Sonata (Clair de Lune)* . . . . . BEETHOVEN  
pelo Sr. A. REY COLAÇO.
- III — a) *Aria (Matthäus Passion)* . . . . . BACH  
b) *La Jeune Fille et la Mort* . . . . . SCHUBERT  
por M.<sup>lle</sup> ALICE REY COLAÇO.
- IV — *Preludio e Fuga* . . . . . BACH  
por M.<sup>lle</sup> MARIA REY COLAÇO.
- V — Leitura de *Sonetos* de CAMÕES e do  
*Acto V da Castro*, de ANTONIO FER-  
REIRA, pelo Sr. AUGUSTO ROSA.
- VI — a) *Marcha Funebre* . . . . . } CHOPIN  
b) *Berceuse* . . . . . }  
pelo Sr. A. REY COLAÇO.
- VII — a) *Berceuse* . . . . . MOZART  
b) *Berceuse de la Vierge Marie* . . . . . Reger  
c) *Canção do Berço* . . . . . }  
d) *La Nana (Berceuse andaluza)* . . . . } REY COLAÇO  
por M.<sup>lle</sup> ALICE REY COLAÇO.
- VIII — Leitura do *Episodio de Inés de Castro*,  
dos *LUSIADAS*, pelo Sr. AUGUSTO  
ROSA.
- IX — a) *Canção do Mondego* . . . . . REY COLAÇO  
b) *St. François de Paule marchant sur  
les flots (Légende)* . . . . . LISZT  
pelo Sr. A. REY COLAÇO.

PIANO IBACH.

1127193





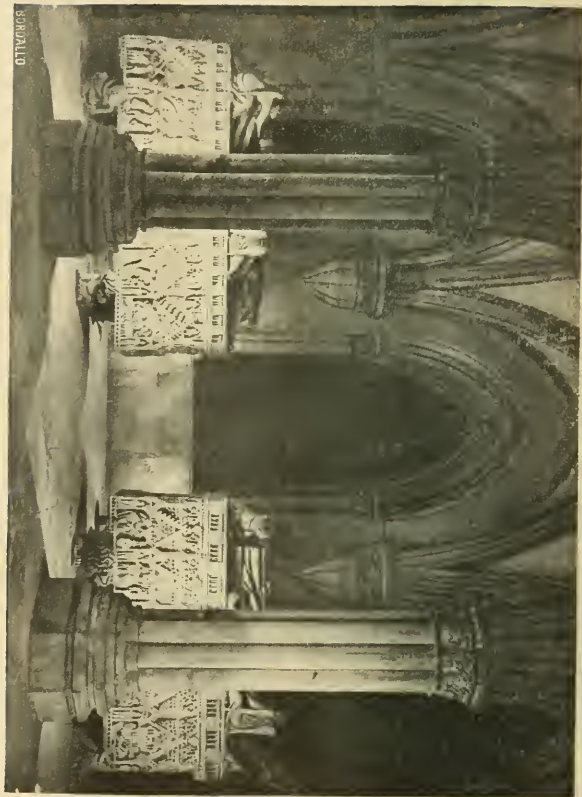
## PALAVRAS

*que precederam a conferencia*

**A**NTES de fazer a minha leitura, convirá explicar em breves palavras como nos achâmos aqui, realizando e assistindo a uma festa tão rara e espiritual. — Ha dois anos, o meu querido amigo e ilustre archeologo Sr. Natividade, — que tem sempre amado a sua terra com um amor que é um grande exemplo, e sem o concurso do qual a festa de hoje seria impossivel, — fez-me a honra de me convidar para vir a **Alcobaça** realizar uma conferencia. Convidando-me, êle sabia bem que eu sou um artista que renunciou com alegria á gloria de ser outras cousas, e que portanto não faço aquilo a que se chama discursos. Respondi que acedia com o melhor gosto, mas que punha entretanto uma condição indispensavel — e era que a minha conversa de arte seria feita no **Mosteiro**. Esta exigencia, que a outras pessoas menos providas de bela cultura podia parecer estranha ou caprichosa, foi recebida com perfeito agrado; mas, por circunstancias alheias á nossa von-

tade, só este ano se pôde cumprir a promessa,—e se dela falo agora é para dizer que me sinto satisfeitissimo em a poder cumprir por uma maneira infinitamente melhor do que primeiro pensára. Por minha vez, tive a honra de convidar para me acompanharem a Alcobça os meus eminentes amigos Srs. Alexandre Rey Colaço e Augusto Rosa, o glorioso professor de piano e o grande actor, mestre da scena portugueza. Tendo S. S. E. Ex.<sup>as</sup> acedido com alegria —o que do coração lhes agradeço — aqui nos achâmos pois, e eu não preciso acentuar quanto esta noite é excepcional e como duplamente nos hão de encantar aqui o piano de Rey Colaço, a colaboração gentilissima de suas filhas e as recitações de Augusto Rosa. E' pensando na parte magnifica do programa, onde se incluem alguma da mais bela musica que existe e alguns dos mais nobres versos portuguezes, que eu espero que V.V. E.Ex.<sup>as</sup> ouçam com indulgencia a conferencia que vou ler, que escrevi para esta noite e se intitula: *Inês de Castro na Poesia e na Lenda.*







MINHAS SENHORAS, MEUS SENHORES :



TRAGEDIA de Dom Pedro e Dona Inês é na poesia e na lenda portuguesas o supremo conto de amor. Numa das suas trovas diz o grande poeta elrei Dom Denis :

*...o mui namorado*

*Tristam sei bem que nom amou Yseu  
quant'eu vos amo...*

Mas bem melhor que o avô o neto o poderia ter dito do seu amor a Inês, porque êles são o *Tristão e Isolda* da paixão nacional, e bem como os heroes do poema bretão, — que

é o poema de todos os poemas, o romance de todos os romances, — Pedro e Inês beberam o magico filtro que para sempre torna um do outro os que o beberam, e que ao mesmo tempo que os salva de toda a responsabilidade e livra de toda a culpa (por mais culpados que pareçam) os converte em victimas duma fatalidade irresistivel, mantendo-os isolados e unidos entre as cruezas do destino e a felonias dos homens; esse filtro, que sendo a mais subtil simbolização da propria essencia do misterio amoroso, conduz inevitavelmente á Morte, da qual o Amor é o irmão gêmeo. — Nenhum ensejo mais bello do que este para evocar essa tragedia, aqui, diante das velhas pedras que foram testemunhas de grande parte dela, que estão embebidas da sua memoria, e á sombra das quaes Dom Pedro quis que repousasse Inês, deitando-a amorosamente ao seu lado, coroada de Rainha, sob a penumbra do baldaquino das santas, — á espera do *fim do mundo* . . .

Reinava em Portugal D. Afonso IV, que de infante rebelde contra seu pai e pela san-

tidade de sua mãe aquietado, se tornára um monarca bravo guerreiro e esperto politico, espirito polido na côrte de trovadores, de sabios e de jograes de Dom Denis, e tendo provado o idealismo da sua cavalaria no celebrado desinteresse com que não quis participar do despojo do Salado. Seu filho Dom Pedro desposára Dona Constança Manuel, prima de elrei de Castela, e com a princesa veio para Portugal uma donzela loira como Isolda, a quem o infante logo amou, e de tão alva, pura e linda esbelteza que foi designada por uma dessas lyricas alcunhas que sugerem por modo precioso a qualidade da graça e da beleza.

E assim como Dona Maria Paes foi riso-nhamente chamada a *Ribeirinha* e Dona Leonor Teles com tanta elegancia *Flôr de altura*, Inês foi airosa e candidamente chamada *Colo de garça*.

Até á morte da infanta, durante cinco anos, estes amores parece terem sido contidos e ardentes; mas, viuvo, Dom Pedro dá-se todo a Inês e ela dá-se-lhe toda para sempre. Nascem tres filhos. Dom Pedro estima com

ternura os irmãos de Inês de Castro, filhos dum poderosissimo fidalgo castelhano, conservando-os na sua mais estreita intimidade. Debalde se intenta casar de novo Dom Pedro com uma princesa, para boa ordenança do reino. Ele vive em Coimbra descuidoso e venturoso e só de Inês se aparta para caçar, como grande monteiro que era.

Mas á volta deste idilio a intriga tece e a morte ronda. A côrte portuguesa teme a influencia que no animo do futuro rei tomará a especie de côrte castelhana que o rodeia. Conselheiros de Dom Afonso IV mostram-lhe os perigos de tal situação, decidem-no a consentir no assassinio de Inês, e a esta é dada morte no dia 7 de janeiro de 1355, nos paços da Rainha em o mosteiro de Santa Clara de Coimbra, aonde o desconfiado temor do infante a recolhera. Dom Pedro, louco de raiva e dôr, levanta-se contra seu pai e durante meses ateia a guerra civil, fazendo uma razzia nas provincias do norte. Reconcilia-se depois com elrei e por escrituras que lavram promete obedecer-lhe como bom filho e vas-salo, e mais promete perdoar aos que por



conselho ou por feito foram culpados na morte de Dona Inês.

Morto Dom Afonso IV, dois anos depois da morte daquela, Dom Pedro sóbe ao trono e obtem delrei de Castela, a troco de fidalgos castelhanos acoutados em Portugal, a entrega dos culpados na condenação de Inês, os quaes se haviam refugiado naquele reino logo após a morte do seu senhor e por conselho dêste. Fâ-os executar na sua presença. Jura aos Santos Evangelhos ter desposado em segredo Dona Inês de Castro. Com pompa nunca vista, traslada de Coimbra para este mosteiro o cadaver dela. E morre aos 47 anos, tendo ordenado que seu corpo jaza no tumulo que mandou lavrar para si proprio, cêrca do que mandára lavrar para a mulher tão bem amada.

Eis aqui, no seu debuxo mais largo, a tragedia de Dom Pedro e Dona Inês. Logo dela ressalta, antes de nenhum outro, um elemento dos mais poderosos — o da rebelião dum homem contra a tirania do casamento dinastico, cuja tradição o obrigava a desposar uma mulher que não amasse. Dom

Pedro é o maior rebelde em nome do seu nobre coração, muito nobre para obedecer á conveniencia politica, mas pretendendo, como simples coração de homem, amar a quem escolhesse, sem cuidar nas vantagens do dote ou das alianças. Por esse lado é êle o grande irmão dessa outra magnifica rebelde que trezentos anos mais tarde ha de encantar o mundo com o soluço que soltou dum convento de Beja, onde uma outra tirania a mantinha, e contra a qual ella tambem lutou em nome do seu coração.

O primeiro escritor que acolheu em sua obra a memoria da tragedia foi o cronista Fernão Lopes, que escrevia no tempo delrei Dom Duarte, neto de Dom Pedro. Estava portanto relativamente proximo — cerca de 90 anos — da tradição que recolhia, compondo na sua prosa de vitral as rapidas referencias que lhe faz — prosa desabrochante, ainda fresca como um dialeto no ritmo da sua tosca e riquissima expressão.

O que o cronista de preferencia refere na

chronica delrei Dom Pedro é o caracter justicoso do monarcha, a quem chama amator de trigosa justiça (de justiça apressada) e em cujo historico fundo é facil descobrir o abalo produzido pela morte daquella a quem sobreviveu doze annos, esparecendo na caça do monte, nos desembargos do reino, em festas e em amores faceis. Fernão Lopes dá-nos a viva figura de Dom Pedro como rei de bom governo, sempre cuidadoso nos despachos do juizo secular; apraz-lhe demorar-se mais nos negocios de sua justiça que nas penas do seu amor, como nesse rude episodio do bispo do Porto, em que Dom Pedro, partindo de Antre Douro e Minho para aquella cidade, foi informado de que o prelado tinha por manceba uma mulher casada com um bom cidadão, o qual não ousava desafrontar-se temendo as ameaças de morte que o bispo lhe fazia. Chamou Dom Pedro o bispo ao paço e ali, encerrado com elle em uma camara, desvestiu-se logo e «ficou em uma saya d'escarlata, e por sua mão tirou ao bispo todas suas vestiduras, e começou de o requerer que lhe confessasse a verdade daquele maleficio

em que êle assi era culpado; e em lhe dizendo esto, tinha nas mãos um grande açoute para o brandir com êle.»

Não chegou Dom Pedro a atagantar o bispo, que foi adrede socorrido por servidores do paço, e sahiu, conforme diz Fernão Lopes, *de sembrante triste e torvado coração.*

Mas quando fazia justiça nos maus clérigos e lhe diziam que êles tinham Cristo por vigario, Dom Pedro respondia que os pusessem na forca e que Cristo depois tomaria conta dêles. Levando consigo para as provincias, e até para a caça, os seus juizes e o celebrado chicote que mandava cingir na carne dos culpados, Dom Pedro tinha em verdade a sanha da justiça, e as suas sentenças encerram ás vezes uma ironia incomparavel, especie de decisões salomonicas salgadas com medieval desenvoltura. Estando uma vez em Evora, ali se lhe foi queixar uma mulher contra um clérigo *honrado e de renda* que lhe havia morto o marido sem que houvesse sofrido por este feito. Dom Pedro aconselhou um pedreiro a que matasse o clérigo assassino, o que este fez; e sendo

preso, inquiriu Dom Pedro que pena sofrera o clérigo no juízo eclesiástico quando por sua vez matára um homem: e foi-lhe respondido que ele nunca mais dissera missa. Então Dom Pedro condenou o pedreiro no seu juízo secular a que nunca mais trabalhasse no seu officio, e casou-o com a viuva queixosa, dando-lhes tenças. Doutra vez, passando pelo termo de Lisboa, ouviu chamar a uma mulher Maria Roussada, — nome que designava as mulheres violentadas. Esta mulher casára com o seu sedutor, com quem vivia em grande bemquerença e de quem tinha filhos. Porém D. Pedro quis fazer justiça pelo passado e mandou enforcar o marido da Roussada, que foi para a forca seguido da *grande lastimança* da esposa e dos filhos.

E' esta figura histerica, excessiva, — ciumento em nome de todos os maridos, queixoso em nome de todos os queixosos, — cuja furia justiça e liberal foi capaz de o mandar cortar a cabeça a um dos bons escudeiros do seu reino porque ele cortára os arcos duma cuba de vinho a um pobre lavrador; é este homem amoroso e cruel, iroso e folião,

amado pelo povo como o não foi outro rei, e que diverte as insonias nas dansas das ruas, para onde vem altas horas, acordando os moradores que descem a acamaradar com o estranho bailador, ao som das trombetas de prata e á luz dos brandões,— é este homem singular e tão profundamente simpatico na sua dôr e até nos seus erros que Fernão Lopes nos revela na sua cronica. Cabe aqui dizer que, embora historiadores classicos atribuem a Dom Pedro o talento de fazer trovas — esse talento a que Dom João II chamava *singular manha*, — certo é que não se ajusta ao character dele a pratica de escrever versos. A sua poesia é toda de acção; não é um contemplativo. E as tres cantigas que no Cancioneiro de Resende vêm com o nome de *elrey Dom Pedro* são evidentemente do seculo XV e esse *elrey Dom Pedro* é o condestavel Dom Pedro, filho do illustre morto de Alfarrobeira, e que morreu com o titulo de rei de Aragão.

Referindo-se á tragedia de amor, o cronista trata primeiro do duvidoso casamento que Dom Pedro jurou ter celebrado com Dona Inês em Bragança, sem se lembrar

18

em que data, e do qual apresentou testemunhas, entre elas o bispo da Guarda. Mas parece que ninguém acreditou em tal consorcio. Fernão Lopes por modo claro o insinua, e mais tarde, quando se tratou de eleger rei o Mestre de Avis, o casamento foi sem rebuço contestado. E' este, pois, entre os passos da paixão de Dom Pedro, o mais admiravel, o mais comovente. Para legitimar a sua união com Inês, para a fazer honrar como Rainha impondo ao reino a sua memoria, era preciso jurar falso e Dom Pedro não trepidou — cometeu o perjurio por amor, *tocando corporalmente os Evangelhos*, e arrotando na sua alma medieval contra o pavor do inferno castigador de tal pecado! Depois, Fernão Lopes trata do escambo pactuado entre os reis de Portugal e de Castela, contracto que ele reprova como traição, e pelo qual os conselheiros de Dom Afonso IV caíram em poder da sequiosissima vingança de Dom Pedro, á excepção de Pacheco, que fugira, e a quem êle mais tarde perdoou convencido de sua innocencia.

E' então que se passa em Santarem a bela

e horrivel scena do suplicio, em que Dom Pedro faz por sua mão meter os fidalgos a tormento, querendo que lhe dissessem quaes eram na morte de Inês culpados, sem que lhe êles respondessem cousa que lhe bastasse. Dom Pedro, *com queixume*, açoita no rosto Pero Coelho, que ainda tem a forte coragem de lhe chamar traidor, perjuro, carniceiro de homens. Responde Dom Pedro que lhe tragam cebola e vinagre para o coelho, e manda-lhe arrancar o coração pelos peitos e a Alvaro Gonçalves pelas espaduas, ordenando por fim a queima dos corpos desmanchados. E tudo isto — diz o cronista — feito ante os paços onde elrei pousava, de guisa que comendo olhava quanto mandava fazer. Fernão Lopes guarda-se de dizer se Dom Pedro cravou os dentes nos corações palpitantes, servidos em escudela de prata, embora na tradição haja memoria deste sumptuoso requinte de vingança e o facto de Dom Pedro estar á mesa durante o suplicio no-lo fazer sugerir.

Chega-se depois ao capitulo da grandiosa trasladação, em que o cronista começa por considerar que «semelhante amor, qual elRei



Dom Pedro ouve a Dona Enes, raramente he achado em algumma pessoa ».

Diz Fernão Lopes: « E sendo lembrado de honrar seus ossos, pois lhe já mais fazer nom podia, mandou fazer um muymento de alva pedra, todo mui sutilmente lavrado, poendo-lhe enlevada sobre a tampa de cima a imagem della com corôa na cabeça, como se fôra Rainha; e este muymento mandou poer no moesteiro de Alcobaça... E fez trazer o seu corpo do moesteiro de Santa Clara de Coimbra, onde jazia, o mais honradamente que se fazer pôde, porque ella vinha em umas andas, muito bem corregidas pera tal tempo, as quaes traziam grandes cavaleiros, acompanhadas de grandes fidalgos, e muita outra gente, e donas, e donzelas, e muita cle-rezia. Pelo caminho estavam muitos homens com cirios nas mãos, de tal guisa ordenados, que sempre o seu corpo foi per todo o caminho per antre cirios acesos; e assi chegaram até o dito moesteiro, que era dali dezasete leguas, onde com muitas missas e grão sole-nidade foi posto em aquele muymento... Semelhavelmente mandou elrei fazer outro

muymento e tão bem obrado pera si, e feze-o poer acerca do seu della, pera quando morresse o deitarem nelle. »

Assim termina a ultima referencia do cronista á tragedia de amor.

E sobre este primeiro texto, que me parece sempre contido, calando o que não quer contar *pelo miudo*, a Poesia bordará pelos seculos fóra sucessivas sobreposições e arranjos, até que a historia e a lenda se confundam de modo a não haver destriça entre elas...

O primeiro poeta que toma para assunto dum poema a tragedia de Inês de Castro, é esse gordo, jovial e habilidoso Garcia de Resende, notavel pelas boas manhas (como se dizia na epoca) de poeta, musico e debuxador, tendo desta ultima feição do seu talento deixado uma linda amostra na malaventurada Torre de Belem, por ele debuxada a pedido delrei Dom João II, que o estimava e de quem êle foi moço de escrevaninha, estimado tambem por Dom Manoel, que o nomeou secretario da fulgurante Embaixada que em

1514 enviou ao Papa Leão X. No Cancioneiro que êle coligiu com as galantes redondilhas dos serões do Paço, em que os fidalgos da côrte, muitos dêles gloriosos fronteiros de Africa, vinham das guerras de Marrocos deliciosamente espairecer junto da graça e da malícia das senhoras, avultam as *Trovas á morte de Dona Inês de Castro* como uma linda e tocante balada, obra não apenas de cortezania ligeira, mas embebida no sentimento da tradição poetica, e tão profundamente sentida que todos os poetas que depois dêle vierem terão que repetir alguma coisa que êle lá pôs primeiro. Na concepção de Resende Dona Inês é uma *moça menina* dorida da maldade dos homens, e cuja voz nos conta dalém-tumulo a sua cruel historia numa voz que é um meigo fio de chôro, um sereno desfiar de lagrimas, comovendo-nos logo nesta estancia admiravel:

*Qual será o coração  
tão cru e sem piedade,  
que lhe não cause paixão*

*uma tão gram crueldade  
e morte tão sem reção!  
Triste de mim inocente!  
que por ter muito fervente  
lealdade, fé, amor  
ó princepe, meu senhor,  
me mataram cruamente.*

Inês conta a seguir a sua triste historia :

*Eu era moça menina,  
per nome dona Inês  
de Crasto; e de tal doutrina  
e vertudes qu'era dina  
de meu mal ser ó revés.  
Vivia sem me lembrar  
que paixão podia dar,  
nem dá-la ninguem a mim;  
foi-m'o princepe olhar  
por seu nojo e minha fim.*

*Começou-m'a desejar,  
trabalhou por me servir,  
fortuna foi ordenar  
dous corações conformar*

*a uma vontade vir.  
Conheceu-me, conheci-o,  
quis-me bem e eu a ele,  
perdeu-me, tambem perdi-o;  
nunca té morte foi frio  
o bem que triste pus nele.*

*Dei-lhe minha liberdade,  
não senti perda de fama,  
pus nele minha verdade,  
quis fazer sua vontade,  
sendo mui fremosa dama.  
Por m'estas obras pagar,  
nunca jamais quis casar;  
polo qual aconselhado  
foi elrei, qu'era forçado  
polo seu de me matar.*

*Estava muito acatada,  
como princesa servida,  
em meus paços mui honrada,  
de tudo mui abastada,  
de meu senhor mui querida.  
Estando mui de vagar,  
bem fóra de tal cuidar,*

*em Coimbra d'assessêgo,  
pelos campos do Mondego  
cavaleiros vi somar.*

*Como cousas que hão de ser  
logo dão no coração,  
comecei entristecer  
e comigo só dizer :  
— estes homens d'onde irão?  
E tanto que perguntei  
soube logo que era elrei ;  
quando o vi tão apressado,  
meu coração trespassado  
foi, que nunca mais falei.*

*E quando vi que decia  
sahi á porta da sala,  
devinhando o que queria,  
com gram choro e cortesia  
lhe fiz uma triste fala.  
Meus filhos pus derredor  
de mim com gram humildade,  
mui cortada de temor  
lhe disse:— Havei, senhor,  
desta triste piadade.*

E' aqui que aparece pela primeira vez o grande quadro tragico: Inês rodeada de seus filhos implorando a compaixão delrei, que considera o *Colo de garça*, essa loura sereia que enfeitiçou o infante, e que acha agora para se defender palavras de tão simples eloquencia, sob a influicão das quaes o coração delrei já embrandece. Quadro immortal de tragica beleza, ei-lo despontado na Poesia nacional, tratado por um homem que não foi mais talvez que um illustre amator das artes, mas que teve a fortuna de encontrar na sua virgem formosura o tema que doravante encantará os poetas de todas as linguagens, desde os obscuros fazedores de autos de feira, onde Inês aparece concebida como perversa criatura, até Lope de Vega e Victor Hugo; tema que ha de enamorar sem fim os artistas e as almas delicadas para quem êles criam suas obras. Perante elrei acompanhado dos sinistros conselheiros, Inês não soluça a sua defesa nos versos de Resende, como mais tarde soluçará nos versos de Antonio Ferreira, nem sabiamente cita exemplos classicos, como fará nas estancias de Camões,

onde essa erudição empana por um momento a alta beleza do episodio; Resende mantém ainda a calma dos Primitivos. Diante delrei, Inês está serena porque está inocente e confia na justiça que á innocencia se deve, do mesmo modo que Isolda, para fazer a prova do fogo diante do rei Marcos e da sua baronia, confia gentilmente na *cortesia de Deus*. Assim se defende ela :

*Não possa mais a paixão  
que o que deveis fazer ;  
metei nisso bem a mão,  
que é de fraco coração  
sem porquê matar molher.  
Quanto mais a mim, que dão  
culpa, não sendo rezão,  
por ser mãe dos innocentes  
qu' ante vós estão presentes,  
os quaes vossos netos são.*

*E tem tam pouca idade,  
que se não forem criados  
de mim, só com saudade  
em sua gram orfindade*



morrerão desamparados.  
Olhe bem quanta crueza  
fará nisto voss'alteza,  
e tambem, senhor, olhai,  
pois do principe sois pai,  
não lhe deis tanta tristeza.

Lembre-vos o grand' amor  
que me vosso filho tem,  
e que sentirá gram dor  
morrer-lhe tal servidor  
por lhe querer grande bem.  
Que s' algum erro fizera  
fôra bem que padecêra.

.....

Mas pois eu nunca errei  
e sempre mereci mais,  
deveis, poderoso rei,  
não quebrantar vossa lei  
que, se moiro, quebrantais.  
Usai mais de piadade  
que de rigor, nem vontade:  
havei dó, senhor, de mim,  
não me deis tam triste fim  
pois que nunca fiz maldade.

Ouvindo esta voz meiga, elrei quer perdoar, e mui triste e cuidadoso, no dizer do poeta, tem mudado o proposito como rei esforçado, piedoso e cristão. Mas um daqueles que elrei trazia mostra-lhe as grandes desvantagens da piedade. Depois da voz do amor, tão branda que desarmára com seu languido poder o designio fatal, fala a voz do politico sceptico, que não crê na constancia da paixão:

*Senhor, vossa piadade  
é dina de reprimir ;  
pois que sem necessidade  
mudaram vossa vontade  
lagrimas duma molher.  
E quereis que abarregado  
com filhos, como casado,  
esté, senhor, vosso filho ;  
de vós mais me maravilho  
que déle, qu' é namorado.*

*Se a logo não matais  
não sereis nunca temido  
nem farão o que mandais,  
pois tão cedo vos mudais*

*do conselho qu'era havido.  
Olhai, quam justa querela  
tendes, pois por amor dela  
vosso filho quer estar  
sem casar, e nos quer dar  
muita guerra com Castela.*

*Com sua morte escusareis  
muitas mortes, muitos danos;  
vós, senhor, descansareis,  
e a vós e a nós dareis  
paç pera duzentos anos.  
O princepe casará,  
filhos de bençam terá,  
será fóra de pecado;  
que agora seja anojado,  
amanhan lhe esquecerá.*

A este que assim lhe brada, responde  
elrei :

*Minha tenção me desculpa;  
se o vós quereis fazer  
façei-o sem m'ò dizer,  
qu' eu nisso não mando nada,*

*nem vejo em essa coitada  
porque deva de morrer.*

Na ultima estancia da linda balada, Inês descreve a sua morte :

*Dous cavaleiros irosos,  
que tais palavras lh'ouviram,  
mui crus e não piadosos,  
perversos, desamorosos,  
contra mim rijo se viram.  
Com as espadas na mão  
m'atravessam o coração,  
a confissão me tolheram;  
este é o gualardão  
que meus amores me deram.*

A obra que a seguir á de Resende retoma o motivo dos amores de Inês é a *Castro* de Antonio Ferreira, o sisudo Doutor quinhentista que perante a invasão da linguagem castelhana soube combater pela linguagem patria; e essa tragedia, que encerra uma nobre beleza, foi a segunda escrita na Europa ao

32

gosto classico e é superior á italiana que a precedera. Com ella estamos longe das redondilhas do Cancioneiro. Ferreira é um humanista que deixa ao vulgo a antiga trova e, com effeito, elle dispõe dum instrumento novo, muito mais proprio para dar a attitude da tragedia. Esse instrumento é o verso decassilabo, que sob a sua mão é ainda saborosamente aspero e incerto, não attingindo aquella regularidade por assim dizer official, — tantas vezes fastidiosa, — e cujo ritmo pronto a tudo exprimir lhe dará ensejo de produzir, com tal motivo, uma das obras mais originaes da nossa litteratura. As *pessoas* da tragedia são a *Castro* e a sua *Ama*, o *Infante* e o *Secretario* seu, o *Rey* e os conselheiros dêste, e um *Messageiro*. E como o molde classico o exigia, a *Castro* tem um côro, esse côro que enriquecia musicalmente as tragedias gregas e ao fundo da scena representava o papel colectivo que nos dramas de Wagner veio ser gloriosamente ampliado pela orchestra. Na *Castro* esse côro é formado pelas *Moças de Coimbra*. E é este, quanto a mim, um magnifico achado do poeta, em ter elle envolvido

nesse argentino côro de sopranos as personagens e a acção que elas executam, côro que é como a exalação melodiosa da paisagem sobre cujo vago fundo elas se movem. Entregando a esse côro o papel de comentar, agou-rando ou carpindo, a tragedia de amor, o poeta sentiu a aspiração da musica — aspiração que todos os verdadeiros poetas — e só êles — vêm a sentir um dia, quando sentem tambem que as palavras, por mais liricas que sejam, não bastam para exprimir todo o misterio, e que só a musica as póde elevar na incantação do seu fluido, elevando-nos tambem a nós para o infinito na nossa comoção inexprimivel. O *Côro das Moças de Coimbra* parece-me querer ser a propria voz dessa natureza espiritual e scismatica, a da sua atmosfera de perolas desfeitas em alados nevoeiros, e em que os choupos e salgueiros se fundem com plangencia no esparso cantar de tudo á roda...

Duas grandes scenas preenchem o acto I da *Castro*. Na primeira, *Castro* e a sua *Ama* praticam sobre o amor que àquella tem tão docemente presa, e a *Ama* opõe a prudencia

da sua maternal dedicação ao alvoroço da leda amorosa que lhe conta a historia do seu idilio e o segredo da promessa do princepe, que dela fará sua esposa e rainha. A segunda scena passa-se entre o *Infante* e o seu *Secretario*, — scena esta das mais grandiosas da tragedia. Por dedicada afeição ao seu princepe, o *Secretario* intenta demovê-lo da sua paixão. E aqui aparece já o tema do agoiro, que mais tarde o côro retomará com tragica largueza; o *Secretario* diz ao *Infante* o que a sua clara razão lhe aconselha—a pobre razão humana contra a divina fatalidade do amor. Ouvindo esta voz leal mas fria, o *Infante* revolta-se, produzindo-se o *elemento humano* da tragedia, desenvolvido nos versos seguintes :

### INFANTE

*Que dirás, Secretario, a tam gram força  
Como querem fazer a esta minh'alma?*

### SECRETARIO

*Senhor, mas antes querem dar-t'a livre*

*Donde está tão forçada, e tão cativa.*

INFANTE

*Arrancam-me as entranhas, que me querem?  
Esta gente que quer, que assi me mata?*  
.....

SECRETARIO

*Se te visses, senhor, ver-te-ias morto,  
Ver-te-ias cego...*

INFANTE

*Tambem tu me persegues? Tambem vens  
Afiado cortar-me estas raizes  
Que no meu peito já tão firmes tenho?*  
.....

SECRETARIO

*Aquele claro sangue, aquele nome  
Heroico, tam alto, e em todo o Mundo  
Honrado, e conhecido dos Reys grandes*



*De cujo tronco vens, não fica escuro  
Misturado com outro diferente  
Dos que foram nascidos e criados  
Pera humildes sofrerem teu rial jugo ?*

.....

*Despois disto não vês o gram desprezo  
Em que serás aos teus ? o gram perigo  
Em que pões este reino, co'a soberba  
De poucos, que ergues tanto, e tanto podem  
Com teu favor, que mostram já desprezo  
A quem devem mostrar acatamento ?  
Que cousa mais destrue o Rey, e o Reyno ?  
Que cousa cria mór desprezo e odio ?  
Que vê-lo sujeitar a cousas baixas ?  
Que vê-lo ser mandado de seus vicios ?  
Com que rosto, senhor, darás castigo  
Aos que assi cometerem o que cometes ?  
Como conservarás a obediencia  
Santa devida aos pays, pois tu a negas  
Aos teus no que te pedem justamente ?  
Memoria deixarás de mau exemplo  
A teus filhos; darás licença larga  
A Reys que isto souberem . . .*

.....

*Senhor, vê-te,*

*Conhece-te melhor: entra em ti mesmo,  
Verás então o porque te importunam,  
O que te pede elRey, o que teu povo.*

## INFANTE

.....  
*Olhay esta mulher: vede o que ha nella.  
D'hum sangue nos formou a natureza:  
Real he, de Reys vem, de Reys é dina.  
Do mundo quisera eu ser só monarca,  
Monarca de mil mundos, pera todos  
Debaixo dos pés pôr, de quem tanto amo.  
Muy baixa me parece esta coroa  
Pera aquela cabeça. Olha o que mando:  
Tu jamais me não fales em tal cousa,  
Meus duros pays não curem de cansar-me,  
Porque nem posso nisso obedecer-lhes,  
Nem em o não fazer desobedeço.  
Arranquem-me a vontade deste peito,  
Arranquem-me do peito est'alma minha,  
Entam acabarão o que começam.  
Não cuidem que me posso apartar donde  
Estou todo, onde vivo; que primeiro  
A terra subirá onde os ceos andam,  
O mar abrasará os ceos e terra,*

*O fogo será frio, o Sol escuro,  
A Lua dará dia, e todo o mundo  
Andará ao contrario da sua ordem,  
Que eu, ó Castro, te deixe, ou nisso cuide.*

.....

### SECRETARIO

.....

*Seguir tua vontade, é destruir-te,  
Destruir este Reyno, e teu pay triste;  
Querer-te apartar della é impossivel.*

.....

### INFANTE

*Hum Principe d'hum Reyno tam cativo  
Ha de ser, que eu não faça o que costuma  
Qualquer do povo seu?*

E o grandioso acto termina com as estancias envolventes do *Côro*, que celebra o poder do Amor:

*Quando Amor nasceo  
Nasceo ao mundo vida,  
Claros rayos ao Sol, luz ás estrelas.*

*O ceo resplandeceo*

*E de sua luz vencida*

*A escuridão mostrou as cousas belas.*

.....

No acto II os Conselheiros movem o *Rey* a proferir sua sentença em nome do bem comum, da segurança do reino, do proprio bem do *Infante*. O *Rey* hesita e defende-se. Metê-la-há num mosteiro. Ei-lo queimado, respondem os fidalgos. Desterrá-la-há... O Amor vôa, tornam eles. Emfim, o *Rey* cede e condena a *Castro*. E o *Côro*, no final do acto, celebra a ventura dos humildes destinos, sobre os quaes não carrega o peso de tão duras sentenças.

No acto III o poeta cria desde o primeiro verso a turvada atmosfera do presagio. O motivo do agouro paira nos ares; a grande amada adivinha o perigo que a cerca, e chora:

*Chôro daquela dor, daquela magoa*

*Que ao meu infante dêra a minha morte.*

Subito, a voz do *Côro* ergue-se. Começa

assim o formoso dialogo entre a *Castro* e o *Côro*, em que este envolve na sua profetica tristeza a tristeza da que está prestes a morrer:

*Tristes novas crueis,  
Novas crueis te trago, Dona Inês.  
Ah, coitado de ti, ah triste, triste,  
Que não mereces tu a cruel morte  
Que assi te vem buscar.*

.....

E a voz do *Côro* apressa o ritmo do seu canto, clama pelo *Infante* que está longe, conjura o perigo e emfim succumbe á lei da sorte nestas redondilhas admiraveis de musical intenção:

*Após amor vem morte  
Ou da vida, ou da honra.*

.....

*Ó Principe tão cego,  
Ó Principe tão duro  
Que cerraste os teus olhos  
Áqueles bons conselhos,*

*Que cerraste as orelhas  
Áqueles bons avisos.  
Tu dormes, ou passéas,  
E pelos campos vem  
Do Mondego correndo  
A cruel morte em busca  
Da tua doce vida.*

.....  
*Cruel morte, que vens  
Buscar esta inocente  
Ha piadade e magoa  
De seus formosos olhos.*

.....  
*Doam-te aqueles peitos  
De marfim ou de neve;  
Doam-te aquelas faces  
De lirios e de rosas.*

.....  
*Aquela alva garganta  
De cristal ou de prata,  
Que sostem a cabeça  
Tam alva e tam dourada.  
Corre, ó Infante, corre,  
Socorre o teu amor.*

No acto IV o *Rey* e os seus Conselheiros aparecem. Eis a morte — comenta o *Côro*, a quem a *Castro* exorta:

*Acompanhae-me vós, amigas minhas,  
Ajudae-me a pedir misericordia.*

*Quem pôde ver-te — responde o Côro — que  
não chore e se abrande?*

Como a scena do *Infante* e o *Secretario*, como a da *Castro* e o *Côro* profetico, estas scenas são animadas por um autentico genio de poeta. Todas as falas da *Castro* ao *Rey* são dum poder, duma simplicidade e nobreza admiraveis. O poeta, senhor do ritmo, comunica aos versos ansiedade, ligando-os aos hemistiquios dos versos seguintes, dando o movimento do peito ansiado da mulher que não é a moça e menina das *Trovas*, mas uma madona que tem a consciencia do poder do amor que inspira e prevê o terrivel desconcerto que a sua morte causará, se morte lhe fôr dada. E' a mãe, a amante, a esposa, em nome de seus filhos, em nome do amor

que ela consagra, em nome do amor que lhe dedicam, que pede a vida ao Rey. Por um pensamento belamente tragico, Pero Coelho a ella propria roga que se deixe matar, a exemplo de illustres gregas e romanas, *por grande gloria sua*. O Rey quer perdoar. Foge o tempo — diz um dos fidalgos. *Sou homem* — diz o Rey. Pero Coelho atalha — *Porem Rey*. A *Castro* é morta.

E o *Côro* entôa a sua elegia, mostra ao *Rey*, já arrependido, o sangue que aos ceos brada, e o seu canto derrama nos ares a magua envolvente do seu queixume, começando por este belo verso:

*Já morreu Dona Inês, matou-a Amor!*

No acto V o *Messageiro* leva ao *Infante* a nova da morte da *Castro*, e Augusto Rosa terá a bondade de nos ler a parte mais importante desse acto, fazendo reviver aqui a dôr majestosa e terrivel de Dom Pedro.

Depois de Antonio Ferreira, Camões abrandará a furia sonora da epopeia para repousar elle proprio na doçura do lirismo, e



tratará o tema encantador nas maravilhosas estancias do Episodio, que eu não leio para deixar a V.V. Ex.<sup>as</sup> o grande prazer de as ouvirem constituindo tambem um dos numeros do programa.

Nesses versos o genio do poeta enriquece esta poesia dum elemento novo, que é o sentimento da paisagem, cujo sortilegio Camões profundamente sentiu durante o seu tempo de escolar, como todos os sensiveis que por ela passaram, de modo a comover-se com a sua lembrança quando mais tarde compôs essas estrofes. Os saudosos campos são evocados para juntos com a linda Inês ficarem vivendo a sua magua. As filhas do Mondego, que longo tempo choraram a morte escura, puseram á fonte das suas lagrimas aquele nome que dura ainda e cuja tradição Camões foi o primeiro a recolher. E os montes e as ervas dos campos saudosos ficam para sempre vivendo a dôr daquela que lhes ensinava o nome escrito em seu peito...

Mas se eu desejei fazer esta rapida jor-

nada através das mais importantes obras classicas que se occupam da tragedia de Inês, foi sobretudo para dizer agora que a grande poesia, a mais lirica, a mais tragica, a mais misteriosa que sobre esse tema jámais foi criada, se encontra nos tumulos que este mosteiro guarda como joias enormes, tumulos que pela primeira vez foram estudados, como a sua capital importancia requeria, pelo sr. M. Vieira Natividade no seu por isso tão valioso e belo livro *Ines de Castro e Pedro o Cru*. E' ahi, nessas arcas que os imaginarios e lavrantes da pedra encheram duma tragica tristura, duma dantesça melancolia, e dum sonho, duma ternura e dum misterio sem par; é ahi que foi atingida a suprema commoção estetica do tema. E assim devia de ser. Basta que nos lembremos que Dom Pedro,—esse grande artista da sua paixão, esse grande poeta da sua saudade,—assistiu e dirigiu o trabalho dos admiraveis escultores que contratára, comunicando ao genio dêles a propria commoção que sentia. Imagina-se bem o cuidado com que êle seguiria a traça da obra que era a mostra derradeira do seu

amor, ritmada nos blocos de calcareo tão preciosamente lavrados que se assemelham a labores de bilro ou de buril e se ampliam na mais sumptuosa e funebre das pompas.

Em nenhuma catedral da Europa nos sentimos mais proximos da palpação duma tragedia do que diante destes sepulcros falantes. Nesses monumentos existe um imenso lirismo e um concentrado terror, e os anjos que contemplam, ameigam ou incensam as estatuas jacentes são tomados do espanto que ali reina — o espanto que a tragedia fez nascer á sua volta como cousa maravilhosa que foi.

Por desgraça nossa, os tumulos chegaram-nos profundamente feridos dos ultrajes dos homens, tendo sofrido os primeiros estragos quando Dom Sebastião fez abrir o de Dom Pedro com o fim de exprobar ao cadaver a sua fraqueza de amante. Depois, os soldados francêses da invasão saquearam os corpos, tendo para isso arrombado bestialmente os tumulos, como bestialmente estragaram em Santa Maria das Graças a *Ceia* de Leonardo de Vinci. — Viu-se então o cadaver de Dom Pedro revestido com uma opa vermelha —

defunto flamejante, como que envolto ainda na fogueira do seu excessivo coração! E' nos tumulos que se encontra toda a historia de Inês, e a historia por tal modo se emaranha na lenda que impossivel se torna já ao certo saber onde a historia termina e onde a lenda começa, onde os factos que a tradição nos legou fôram poetizados pelas scismas do povo ou pelo genio dos poetas. Assim nos surge neste momento o problema misterioso da coroação e beija-mão do cadaver de Inês, ao chegar a este mosteiro trasladado de Coimbra, vindo até aqui entre alas infindas de tochas—cortejo espectral, rumoroso de lutuoso silencio, onde as luzes dos cirios desmaiaram á luz ou douraram a sombra durante tantas leguas — e cujo grandioso e por assim dizer logico remate teria sido em verdade essa resurreição dum cadaver para a realeza, cadaver desenterrado e subido ao trono, onde viria beijar-lhe a mão uma côrte transida de pavor sob o olhar de Dom Pedro, sentado ao lado da sua morta.

O historiador Manuel de Faria e Sousa, que escrevia sob a dominação castelhana,

48

acolheu e decerto não inventou a tradição da coroação do cadaver em Coimbra, do mesmo modo que deu respiradouro a outra tradição amorosa, — a de Bernardim Ribeiro, — num tempo em que não tinha já a temer os melindres da côrte portuguesa.

Diz êle assim: «...fazendo desenterrar aquele cadaver da beleza amada, vestido e coroado o fez colocar em uma cadeira posta em Real trono, adonde seus vassallos beijaram como de Rainha aqueles ossos que haviam sido fermosas mãos...»

Fr. Manuel das Santos, recolhendo a mesma tradição localizada em Alcobça, escreve: «...apeando-se os da comitiva á porta do mosteiro, foram pôr o corpo da Rainha na Igreja, sem fazerem por então outra cousa. No outro dia oficiou os funeraes de Pontifical o Bispo de Viseu, e no fim fez elrei descobrir o cadaver, acomodando-o como puderam em uma cadeira; e trazendo o Abade uma corôa de ouro prevenida, outra vez deram principio á nova e celebradissima cerimonia de beijar a fria mão de Dona Inês como de sua Rainha...»

Contra esta tradição saem os eruditos, que lhe negam a realidade. Negá-la parece-me excessivo. Basta que duvidemos.

Se Fernão Lopes a não menciona em sua chronica, é preciso que consideremos que êle era um cronista que falava do avô do monarca que servia, e que taes cerimoniaes podiam ter sido consideradas cousa por demais estranha para ficar exarada num livro do Estado. Que eu saiba, nenhum argumento de pêso pôde ser invocado contra a duvida que proponho a proposito desta tradição. Se lhe não encontrâmos referencia na bellissima rosacea do tumulo de Dom Pedro, a par de todas as scenas que êle ali mandou esculpir, ainda isso podia ser como pudor ou recato de deixar posta na pedra a memoria de tão dolorosa cousa, de que o proprio Dom Pedro guardaria uma recordação de pezadelo. Assim tambem no tumulo se não acha referencia ao suplicio dos dois fidalgos.—Mas quem poderá jámais ler com clareza tudo que os tumulos encerram, sendo êles obra de supremo misterio, contendo problemas de certo insoluveis? Além disto, os estragos feitos pela

bruta soldadesca arruinaram parte das esculpturas, apagando para sempre quem sabe que novos capitulos de historia, que novas sugestões de poesia. E' na bellissima rosacea do tumulo de Dom Pedro, em cuja cabeceira êle a fez esculpir para que comsigo ficassem todas as lembranças da terra, deixando ao tumulo de Inês a gravidade e a calma dos assuntos religiosos, que nós encontrâmos em dezoito composições toda a intimidade da tragedia, por assim dizer vivida aos nossos olhos, tão decisivo é o testemunho que no-la afirma. Ahi se encontra Inês na Fonte dos Amores — que se tomou por cousa lendaria — Inês sorrindo venturosa, tendo nos braços um filho, e parecendo que escuta derramado nos ares o *Côro das Moças de Coimbra*, no tempo em que Dom Pedro confiava á murmurante discreção da agua as cartas que lhe escrevia. Ahi a encontrâmos com Dom Pedro e seus tres filhos, num grupo familiar em que todos são felizes. Ahi a vemos ainda com Dom Pedro, num dos mais formosos grupos da rosacea, lendo um livro, de certo um Cancioneiro, talvez as trovas

delrei Dom Dinis. No tumulto de Dom Pedro sucedem-se estes grupos intimos dos dois, repetem-se sem mais razão que a de se quererem repetidos.

Ahi achâmos tambem a figura do rei Afonso IV, não como feroz juiz, mas em atitudes que confirmam a tradição do perdão que êle quiz dar e não pôde. E é preciso acentuar como a tragedia ganha em beleza confirmando-se o intento de perdoar que elrei tinha, porque a beleza das tragedias consiste em vermos subjugar pela fatalidade a vontade das criaturas. E, assim, tambem êle, o *velho pai sesudo*,—como lhe chama Camões,—desafeiçoado a mancebias e cuidadoso no bem do reino, tambem êle foi vitima consentindo em ser algoz, tolhido pela razão de Estado que os seus honrados conselheiros e a sua propria consciencia lhe impunham, — pobre juguete êle tambem nas mãos divinas do Destino, bem menos imperioso comtudo do que aquele que fizera com que Dom Pedro amasse e fosse amado! Na rosacea achâmos Inês derrubada pelo seu assassino e, imprevisamente, lutando com uma figura que o



deve representar a êle; vemo-la vencida e presa numa attitude em que o seu corpo verga doloroso; vemo-la depois degolada, com a cabeça separada do tronco — *sem colo, aquella garça*, como diz um romance espanhol, — degolada á lei da nobreza e não trespassada pelos ferros; e ahi achâmos a execução do seu carrasco. Todas estas figurinhas da rosacea, — onde Inês é representada de busto em geminados seios, cabelos penteados em bandós, rosto sorridente ou grave, em todo seu delicado corpo mostrando o esforço que os escultores fizeram para o esculpir com esbelteza vencendo a timidez dos seus processos, — todas estas figurinhas da rosacea, — Tánagras que a Dôr revolve e sagra, — são animadas da mais comovente expressão humana na sua tocante ingenuidade gotica; e é esta ronda de encantadores e minusculos fantasmas medievaes que representa a tragedia de Inês na sua historia e na sua lenda, isto é, na sua poesia. Porque — repito-o ainda — historia e lenda entrelaçadamente se confundem, sem que seja possivel pôr entre elas limites certos de extrema. E' que a essencia desta

tragedia é já de si a mais poetica, a mais criadora de misterio — é o Amor e a Morte, as duas cousas belas que ha no mundo, como disse Leopardi. Debalde os eruditos virão gravemente aceitar ou rejeitar certos factos; debalde porque dos tumulos se exalará continuamente a lenda, que é a verdade da poesia — e talvez a mais segura verdade. E' assim que a imaginação popular cria o mito formosissimo da colocação dos tumulos, que primeiro fôram postos a par na igreja, segundo informam os cronistas de Alcobaça, e que todavia a lenda pretende terem sido por designio de Dom Pedro colocados como agora se acham, — para que no dia do Juizo Final, ao acordarem da sua tão longa ausencia, os olhos de ambos logo se encontrassem!

Este mito, que é tão belo como os mais belos do poema de *Tristão*, deve ter sido elaborado quasi no nosso tempo, após a invasão de 1810. Por onde o *Colo de garça* passou, a lenda desabrochou suas flores de maravilha. Em Coimbra podem ver-se através da agua clara as manchas do seu sangue tingindo as pedras. De certo ainda por amor

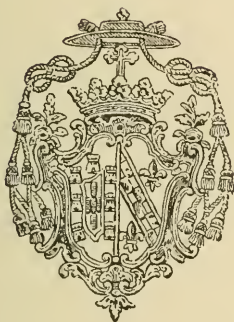
dela, o cadaver de Dom Pedro resuscitou por alguns instantes ao chegar a este mosteiro. Fios dos seus cabelos, cujo ouro parece ter sido concentrado pelos seculos em que jazeram na sombra iluminando-a, são amorosamente conservados em relicarios, e aquelles que um cortesão levou para o Brasil a fim de Dom João VI os ver, fôram pelo vento piedosamente arrancados das mãos dêste monarca, — e nunca mais ninguem os pôde achar...

Peregrinos de todos os paises têm vindo sentar-se á sombra das arvores de Coimbra, junto das quaes a lenda colocou a *Fonte das Lagrimas*; e o prestigio da grande amada continua tão aceso que ainda ha pouco Maurice Barrés escrevia num livro seu estas palavras: — *Je ne mourrai point sans m'être assis, pèlerin enchanté, dans Coimbre, et sous le cyprés de la belle Inés assassinée...*

Entanto, a sua estatua de Santa e de Rainha repousa hieratica sobre o muymento de alva pedra, que é, como o de Dom Pedro, uma fonte perene de poesia porque ele os quis embeber da sua paixão, fazendo rema-

tar a rosacea por uma composição que corôa as outras todas belamente. Nela se vê a parte superior dum tumulto, e sobre este, envolvida num manto, uma estatua jacente representando um homem. Esta misteriosa figura não pôde ser senão Dom Pedro, que noutra composição se acha cahido junto a um corpo de mulher e tendo cravadas na carne as garras dum monstro que o dilacera. Nessa composição que remata a serie da rosacea, Dom Pedro fez inscrever o seu adeus à Inês,—o qual se lê em caracteres góticos,—adeus em cinco palavras que formam um belo poema e que prolongam infinitamente a lenda e a poesia; adeus dilacerante e immortal; adeus de esperança suprema— a suprema esperança de *Tristão* e de *Isolda* aspirando á comunhão libertadora da Morte — o adeus de todos os grandes amantes desgraçados, os quaes, longe e acima de todas as miserias humanas, apelam para o futuro incerto mas presentido no arranco das suas almas para o infinito. . . Assim Dom Pedro se despede de Inês; e o adeus que lhe diz, é este — ATÉ AO FIM DO MUNDO.

# O SONETO DOS TUMULOS



ESCRITO POR AFFONSO LOPES-VIEL-  
RA. RECITADO POR AUGUSTO ROSA  
JUNTO DOS TUMULOS DE DOM PE-  
DRO E DONA INÊS DE CASTRO NO  
• MOSTEIRO DE ALCOBAÇA •

NOITE DE 17 DE AGOSTO  
M C M X I I I

**A** TÉ AO FIM DO MUNDO. A grande amada  
Escuta o adeus da grande voz sentida.  
Santa e Rainha, aguarda aquela vida  
Que só depois do fim é começada.

Pedra de sonho e dôr, fôste lavrada  
Pela Saudade imensa aqui vivida;  
Guarda a Saudade, pois, da despedida,  
E a esperança da hora desejada.

Guarda a Saudade que jámais acaba,  
Que o dia que ha de vir, de amor contente,  
Os que dormem aqui vão esperando.

E no fragor do mundo que desaba,  
Hão de acordar, sorrindo eternamente,  
Os olhos um no outro emfim pousando!

DA INFELICIDADE  
DA COMPOSIÇÃO,  
ERROS DA ESCRI-  
TURA, E OUTRAS  
IMPERFEIÇÕES DA  
ESTAMPA, NÃO HA  
QUE DIZERVOS:  
VÓS OS VEDES  
VÓS OS CASTIGAE.

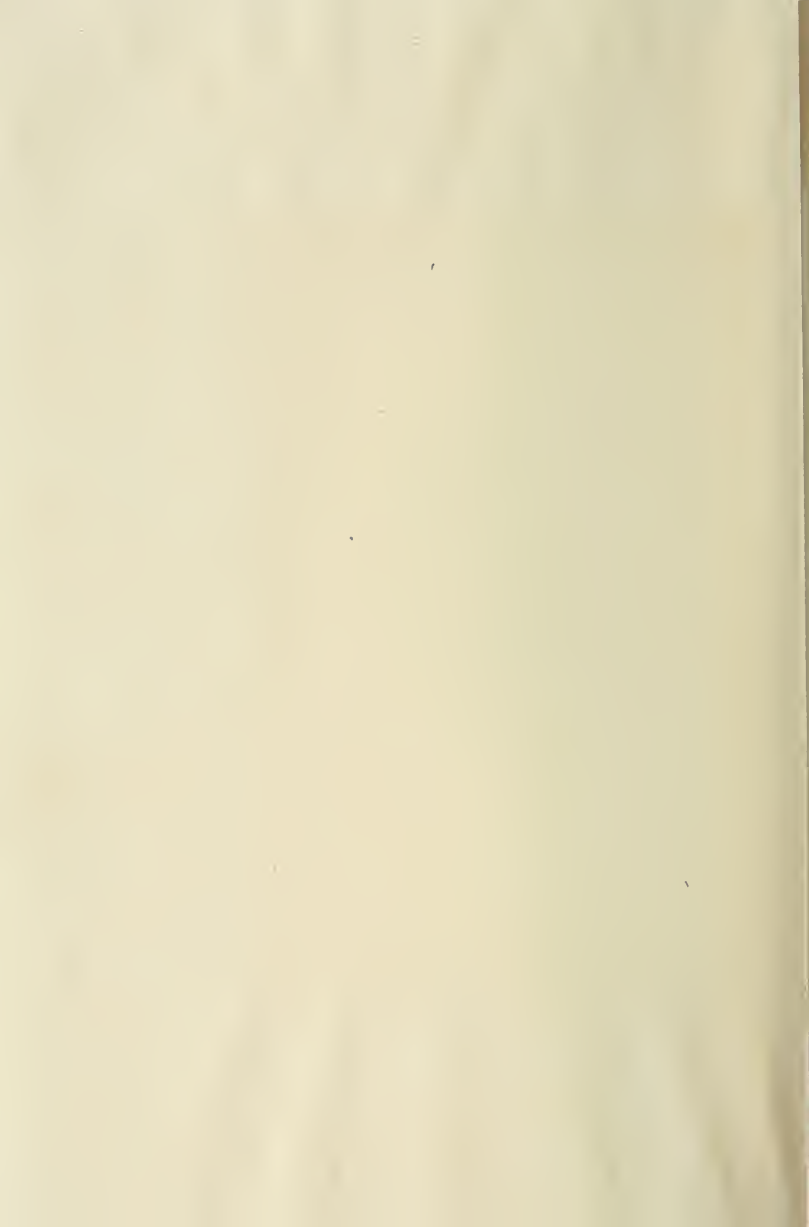
*D. FRANCISCO MA-  
NUEL DE MELLO.*

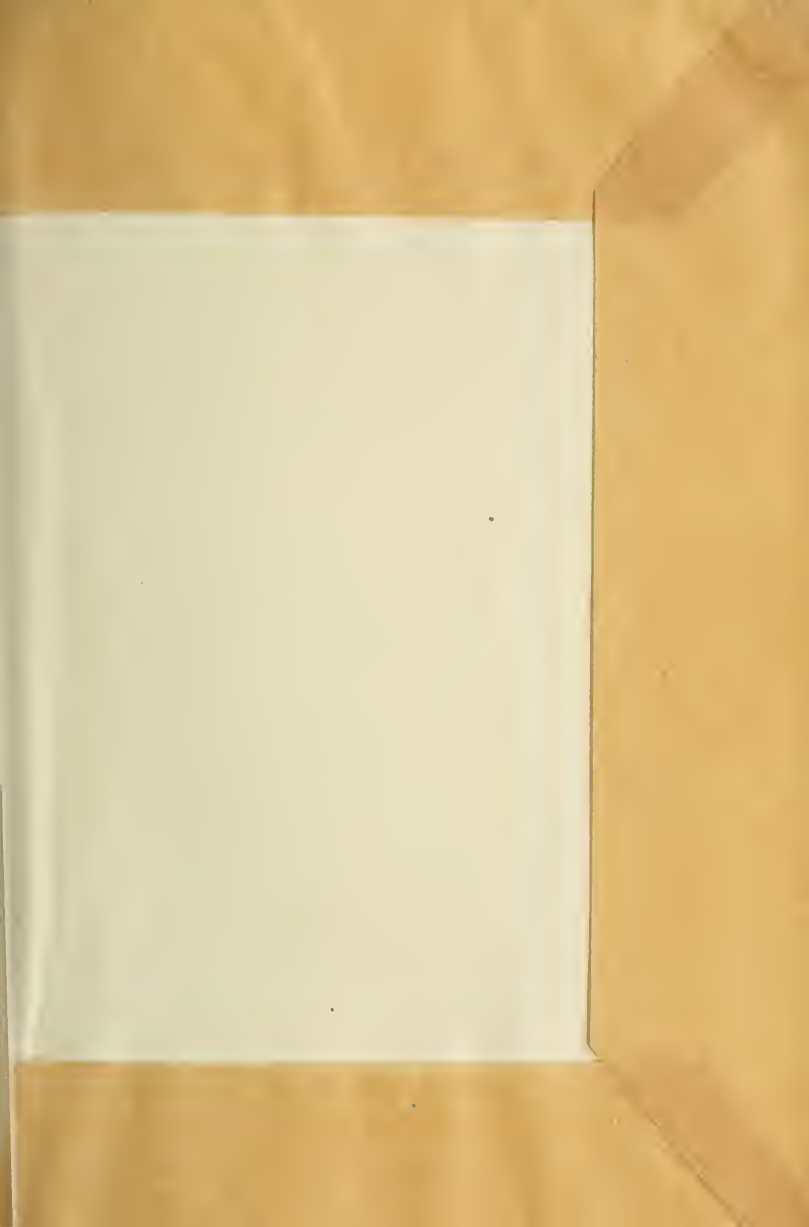












UNIVERSITY OF CALIFORNIA LIBRARY

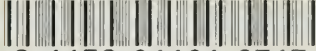
Los Angeles

This book is DUE on the last date stamped below.

QL APR 19 1989

REC'D LD-URL MAR 17 1989

THE LIBRARY  
UNIVERSITY OF CALIFORNIA  
LOS ANGELES



3 1158 01101 9717

UC SOUTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY



**AA** 001 130 344 3

